

Esclarecimento para um centenário.

São muitos os tempos de que o tempo é feito; frágil a sua construção.

A Maria Ondina nasceu em Braga, no número 9 da Avenida Central, casa setecentista de tectos altos, sacadas de pedra e pesadas janelas de guilhotina, no dia 13 de Janeiro de 1922.

O dia correspondente, mas em 1932, é a data de nascimento que a escritora Maria Ondina Braga tomou para si própria. Como outros escolheram um pseudónimo ou esculpiram um rosto onde voltar.

Desde aí essa data impressa a fogo na letra do seu nome. Central à sua identidade literária, foi por ela repetida inúmeras vezes, em público e em privado, desenrolada laboriosamente ano após ano. Um esteio, creio, para a sua solidão.

Ignoro as razões mais profundas dessa construção. Foi um segredo seu.

Uma tentativa, arrisco, de murar os anos frágeis da doença, na juventude, a que determinada pôs termo, no início da década de 1950, com a decisão súbita de partir para Londres. O desassombro não curaria a ferida, mas sobre ela lhe daria um insuspeito domínio.

Ou talvez a mágoa de ter lido um dia *“a Maria Ondina a tudo chegou tarde”*, por quem então melhor se comprazia na mundana cerimónia da literatura.

Ou, mais provavelmente, a convicção íntima de que todo o tempo é ficção e não se segura a vida a raízes, mas ao vento.

Uma coisa, porém, a fénix; outra, o voo imaginado. A Maria Ondina morreu em 2003, os anos correram, e mais e mais vulnerável a memória se tornou.

É verdade que até hoje este seu desejo sobre a pública notícia do seu nascimento foi honrado em todas as peças sérias, académicas ou jornalísticas, que sobre ela surgiram, e, de forma particular, pelo Museu Nogueira da Silva onde, em boa hora, a família fez o depósito do seu enxuto espólio literário. Fora da intimidade, a família fez o mesmo: a lápide na casa, o busto na Avenida, a pedra da própria sepultura apenas o seu nome acolhem.

No entanto, noutros registos, sobre um pretense desajuste de calendários acumularam-se suspeitas de trazer por casa, observações inflamadas, pedaços de retórica, minudências. Uma quinquilharia de circunstância tão estranha ao límpido rigor da sua escrita como ao enorme silêncio onde se ergueu. Alguém houve até que, diligente, entendeu juntar ao bolo uma certidão de nascimento. Tivesse sido, ao menos, o passaporte, esse sim, único papel da República que ela prezava como guardião da sua liberdade.

Chegamos deste modo a 2022, ano de importância dupla.

Por um lado, uma centena de anos neste ano se cumprem sobre essa manhã de Inverno que misteriosamente, de uma voz antiga, sua voz colheu.

Por outro, nele se inicia a publicação da sua obra completa na Imprensa Nacional Casa da Moeda. Sol para os seus livros, foi sempre o que a Maria Ondina quis, ela que para si nada guardou. Talvez esta celebração seja caminho para à sua obra mais leitores trazer e, nesse sentido, este esclarecimento pareceu necessário.

Assim, e para evitar distrações futuras, quis a família, por uma vez, dizer o que aqui disse.

Sobre os tempos móveis que pontuaram a sua vida despojada e luminosa a própria Maria Ondina esclareceu: *“Sem passado nem futuro / não me encontro medição”*. De facto, os dias de calendário são inúteis quando, ouvindo-a de novo, *“o gesto é nulo e puro / como conceber do escuro / como dar passos sem chão”*.

Luís Soares Barbosa, em nome da família da Maria Ondina